

GREGORY BATESON: Rumo a uma Epistemologia da Comunicação

Etienne Samain

Resumo: *Como se constrói nosso “saber”? Como nascem nossos “conhecimentos” ou, melhor dizendo, as “idéias” que nós fazemos das coisas deste mundo? A partir de que imperativos epistemológicos podemos pensar fundar uma ciência do conhecimento? Ao longo de milênios, esses conhecimentos se multiplicaram e se diversificaram. Com eles emergiram centenas de epistemologias locais que, no entanto, cruzam-se no horizonte de suas indispensáveis inter-relações. Como e até onde uma “Epistemologia da Comunicação” (uma epistemologia, muitas vezes ainda, por demais local) participará, no futuro, desta teia de relações e saberá fomentar o que se poderia chamar uma “ecologia do espírito”? Para tanto, procura-se delinear, nesta comunicação, alguns parâmetros de elaboração de uma “Epistemologia da Comunicação”, tirando proveito da gigantesca e complexa obra de Gregory Bateson (1904-1980), um penetrante pensador da questão, que foi, ao mesmo tempo, um biólogo, um antropólogo, um psiquiatra e um amante da comunicação humana.*

Introdução

Na medida que o GT “Epistemologia da Comunicação” se propõe a discutir, entre outras abordagens, “as relações da Comunicação com outras disciplinas”, gostaria, nesta intervenção, de poder iniciar com vocês uma reflexão em torno deste assunto. Para tanto, escolherei um autor que muito prezo e que, a meu ver, será um dos mais importantes inspiradores de uma “Ecologia do Espírito”¹ nos próximos dois decênios deste novo século: chama-se Gregory Bateson (1904-1980). Direi, logo e brevemente, quem foi este inigualável *observador* das coisas deste mundo e procurarei delinear alguns parâmetros de elaboração de uma epistemologia da comunicação, tirando proveito da gigantesca e complexa obra deste pensador, que foi, ao mesmo tempo, um biólogo, um antropólogo, um psiquiatra e um

¹ Bateson, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*, São Francisco, Chandler, 1972.

amante da comunicação humana. Antes de chegar lá, parece-me indispensável traçar duas considerações preliminares importantes.

Da Epistemologia em geral...

Sabemos, todos, que palavra a “epistemologia” logo seduz tanto quanto provoca estranhamento pelo simples fato que não sabemos exatamente o que ela designa e, sobretudo, ao que nos remete. Pessoas “cultas” dirão que a etimologia da palavra é grega e significa um “estudo, um “discurso” (um “*logos*”) sobre a “*epistémē*”, isto é, sobre o “conhecimento” ou, talvez melhor, sobre o “saber”. Eis, então, nossa palavra-chave: a Epistemologia (com um “E” maiúsculo) é a “Ciência do saber”, de todo tipo de conhecimento.

Reconhecemos que essa definição nos diz um pouco de tudo e muito de nada. Para ser mais concreto, diria, desta maneira, que todos nós adquirimos, ao longo das nossas existências, uma série de “conhecimentos”: conhecimentos dos mais variados tipos (sobre a vida, a morte, o sofrimento, o amor, o trabalho; conhecimentos referentes ao fato de que falamos, de que nos comunicamos, de que vivemos em sociedades regidas por sistemas econômicos, educacionais, ecológicos, em sociedades onde existem o direito, a medicina, a religião etc...).

Devemos convir e acrescentar que todos os nossos conhecimentos adquiridos, muitas vezes, são ou incompletos ou simplesmente errados. Eis o que explica o fato de que, por falta de bons hábitos epistemológicos, arriscamos-nos a ter problemas na vida e, é claro, cada um os tem.

A palavra “Epistemologia”, assim situada, pode começar a se tornar um pouco mais concreta e clara. Falar de “Epistemologia” significa levantar essas questões: “*O que implica o ato de conhecer as coisas deste mundo?*” mas, sobretudo, “*como poder chegar a conhecer as coisas deste mundo?*”, “*quais os imperativos, as exigências e os caminhos de uma ciência do conhecimento, de qualquer tipo de conhecimento (não apenas da “comunicação humana”)?*”

... às epistemologias “locais”

Se falei, até agora, da “Epistemologia” com um “E” maiúsculo [enquanto “Ciência *geral* do Conhecimento”, de todo e qualquer conhecimento], há de se convir que existem centenas de

epistemologias (com um “e” minúsculo): epistemologias estas que, sem nenhum desdém nem julgamento prévio de valores, chamarei de “epistemologias *locais*”. Essa multiplicidade até despertou minha curiosidade e me proporcionou alguns momentos de pura alegria. Fui procurar em dois *sites* de grandes bibliotecas virtuais (um francês: <http://www.alapage.com> e um americano: <http://www.amazon.com>) informações referentes a publicações (livros) elencadas sob o verbete “epistémologie” e “epistemology”. Melhor que a livraria francesa, que me ofereceu 152 indicações de livros sobre o assunto, a colega americana brindou-me com 1447 entradas de livros sobre o mesmo assunto. Claro que não tive a paciência nem o tempo de percorrer essa imensa *vitrine* do conhecimento humano. Passei o tempo suficiente, todavia, para observar três coisas que resumo:

As epistemologias *locais* são, hoje, quase que *infinitas*: “Epistemologia genética”; “Epistemologia da identidade”; “Epistemologia do Tempo”; Epistemologia Jurídica”; “Epistemologia do direito”; “Epistemologia da linguagem”; “Epistemologia da ação moral”; “Epistemologia do conhecimento musical”; “Epistemologia da Ciências Sociais”; “Epistemologia da Sociologia”; “Epistemologia das matemáticas”; “Epistemologia da Biologia”; “Epistemologia da Medicina”; “Epistemologia da Geografia”; “Epistemologia da religião”; “Epistemologia do Sagrado”; “Epistemologia das Ciências da Natureza”; “Epistemologia da Economia”, mas, também, “Epistemologia da estratégia em Economia”; “Epistemologia das atividades físicas e esportivas”... e, ainda, “Epistemologia das Ciências da Informação”; “Epistemologia da pesquisa informatizada” e, claro, a “Epistemologia da Comunicação”.

As epistemologias *locais* atuais têm um *sexo*: obras publicadas nos Estados Unidos têm como título “Epistemologias femininas e masculinas” ou, simplesmente, como este recente *best-seller* intitulado “Epistemology of Closet” (“gabinete” tanto quanto “privada”), que estuda as questões da homossexualidade e da heterossexualidade.

As epistemologias *locais* – e a própria Epistemologia – participam do *tempo*. As epistemologias são, felizmente, viajantes ou, melhor dizendo, perpassam o tempo humano e procuram desvendá-lo nas suas múltiplas representações e esforços de compreensão. Olhando para os *sites* aos quais me referi, vocês encontrarão, evidentemente, referências a obras dos grandes filósofos gregos, de pensadores chamados modernos, indo de Emmanuel Kant à Michel Foucault, como vocês descobrirão, também, obras que reivindicam a urgência

da eclosão de uma “Epistemologia construtiva Pós-Moderna”.

O que queremos, desta maneira, quando buscamos definir uma epistemologia da *comunicação*? Como concebê-la (*hoje*, isto é, no *tempo*)? Como concebê-la na teia de relações que entretém com tantas outras áreas do conhecimento (a *pluralidade* das epistemologias *locais*)? Como concebê-la na complementaridade necessária de seus *discursos* (masculino/feminino; clássico/moderno e pós-moderno)? Somente poderemos pretender chegar, possivelmente, a tal empreendimento olhando para uma paisagem e não para um quadro... tanto mais que sem *comunicação* não existiria *conhecimento* nenhum.

É tempo de apresentar, embora muito brevemente, Gregory Bateson.

Gregory Bateson

Margaret Mead (1901-1978) e Gregory Bateson (1904-1980) acabavam de se casar quando, de março de 1936 até 1939, empreenderam a sua pesquisa junto aos nativos da ilha de Bali, da qual resultaria *Balinese Character*. Separaram-se, em 1951, guardando, todavia, uma recíproca admiração e cumplicidade intelectual até suas mortes, ambas de câncer.

Nos anos de 1940, época da publicação de *Balinese Character. A Photographic Analysis*, de Gregory Bateson e de Margaret Mead, não se discutia verdadeiramente as questões epistemológicas e heurísticas que os diversos suportes comunicacionais (a fala, a escrita, a visualidade) poderiam explorar, conjuntamente, respeitando os termos de suas singularidades e de suas complementaridades, enunciativas, representativas e interpretativas².

Passaram-se mais de cinquenta anos. *Balinese Character* andava à frente de seu tempo e, por essa razão, tornava-se mítico³.

Hoje em dia, a obra de Bateson e Mead poderá ser julgada como tendo sido um empreendimento arriscado mas, em parte, convincente. Pode ser encarada, também, como um

² Bateson, Gregory e Mead, Margaret. *Balinese Character. A Photographic Analysis*, New York, The New York Academy of Sciences, 1942.

³ A obra é “mítica” no sentido de frequentemente ser citada na literatura da antropologia visual sem ter sido até hoje explorada de maneira suficiente em termos heurísticos (no que se refere, em particular, à relação entre palavra e imagem na apreensão e na compreensão de uma sociedade humana definida).

monumento de questionamentos heurísticos. Não cabe aqui julgar a obra a partir desse ou daquele ponto de vista. Importa contextualizar as idéias que deram origem à obra e entendê-las melhor.

O livro é, com efeito, uma tentativa de explorar, verbal e visualmente, de que maneira uma criança nascida em Bali torna-se uma criança balinesa. Por meio de que comportamentos sociais adquiridos durante sua infância, de que condutas ensinadas pelo seu meio cultural, distinguir-se-á, para sempre, de uma criança nascida, por exemplo em Manaus, situada nos antípodas da pequena ilha vulcânica de Bali? Em outros termos: qual é o “caráter”, o “estilo” de ser e de viver dos nativos deste pedaço de terra de uns 5000 quilômetros quadrados, situado no Oceano Índico, que hoje pertence à Indonésia?

Balinese Character representa, desse modo, um marco na história da antropologia, da antropologia visual em especial, mas, também uma marco na maneira com que se pode repensar a comunicação humana e as interrelações heurísticas existentes entre seus diversos suportes. Na época, uma idéia bastante nova (a questão do *ethos*)⁴ e um duplo desafio: *conjug*ar o texto e a imagem. Dois gigantes: Margaret Mead e Gregory Bateson.

Uma data: 1942. Uma interrogação, enfim: como entender que, logo após a Segunda Guerra Mundial, Gregory Bateson, biólogo e antropólogo de formação, afastou-se dos seus 25.000 negativos Leica e dos sete quilômetros de filme que tinha rodado com Mead, durante os três anos de sua permanência na ilha de Bali?

Pouco antes dos anos 50, Bateson, filho do famoso geneticista inglês (William Bateson) parte para outros horizontes vivenciais e, sobretudo, comunicacionais: *observa* e filma as lontras e os seus jogos relacionais em São Francisco; *observa e estuda* a comunicação oral dos delfins nas Ilhas Virgens em 1962. No intervalo, congrega em torno de si psiquiatras (Jurgen Ruesch, Don D. Jackson, Paul Watzlawick, Albert E. Schefflen), antropólogos (Erving

⁴ Um conceito (*ethos*) que deve muito ao de “configuração” e “modelo cultural” [*pattern*] elaborado por Ruth Benedict: *Patterns of Culture* (1934) e que Bateson já definirá e explorará na sua primeira monografia antropológica: *Naven. A Survey of the Problems suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe drawn from Three Points of View* (1936).

Goffman, Edward T. Hall, Ray Birdwhistell), na chamada “Escola de Palo Alto”. Todos buscavam repensar, numa perspectiva “orquestral” (inspirada pelos trabalhos de Norbert Wiener⁵) e não meramente “telegráfica” (como fazia, na época, Claude Shannon⁶), as questões relativas à *comunicação humana*.

O que Bateson buscava nos anos 50 e o que deveria efetivamente desenvolver até sua morte em 1980? Procurava reequacionar a vasta interrogação sobre a comunicação humana nos termos de uma *estrutura*⁷ que pudesse ligar os “*seres vivos*” entre si – a natureza e o pensamento, a comunicação e a antropologia.

Sem nunca ter abjurado suas origens intelectuais e acadêmicas, Bateson tornar-se-á, durante mais de trinta anos, o visionário lúcido e o fundador crítico de uma nova maneira de encarar as relações entre comunicação e antropologia. *Balinese Character* foi, para ele, o terreno fecundo da emergência de uma nova problematização e de um *repensar* da comunicação humana.

De Bateson pode-se afirmar, por ora, vinte anos após a sua morte, duas coisas: ao lado de seus colegas psiquiatras e antropólogos, ele não somente delineou os parâmetros de uma “Nova Comunicação”, mas soube plantar os alicerces de uma “Antropologia da Comunicação” e de uma “Epistemologia da Comunicação”. Em outras palavras: o que significa pensar antropológicamente a comunicação humana? Ou, ainda, o que significa, com Bateson, investigar etnograficamente os comportamentos, as situações, os objetos que, numa comunidade, são percebidos como portadores de um valor comunicativo?

A obra de Gregory Bateson, não mereceu, até hoje, nenhuma consideração dos círculos editoriais brasileiros. Bateson não causa medo nem assombra ninguém: é um pensador discreto que sempre soube inovar e a quem dispensaremos, por certo, particular atenção no novo século que se inicia. Por que motivo? Bateson é, antes de mais nada, um “olhar”, um *observador* que deixa a sua observação repercutir e questionar seu pensamento.

⁵ Wiener, Norbert. *Cybernetics, or Control and Communication in Animal and the Machine*, Paris, Hermann, 1948.

⁶ Shannon, Claude e Weaver, Warren. *The Mathematical Theory of Communication*, Urbana-Champaign (Ill), University of Illinois Press, 1949.

⁷ O conceito batesoniano de “estrutura” ligando, em termos comunicacionais, “seres vivos” entre si, é fundamental na obra do antropólogo e pensador que pretendemos estudar. Situa-se nos antípodas do conceito de “estrutura” (abstrato) elaborado por Claude Lévi-Strauss.

Diferentemente de Margaret Mead, ele não procura entender o mundo a partir de suas idéias. Procura, sim, a interpelação constante do mundo sobre suas possíveis e potenciais idéias. Bateson deixa ao mundo dos seres vivos a tarefa e a responsabilidade de trabalhar e de despertar o seu pensamento.

Praticamente toda a obra (antropológica, epistemológica mas, também, *comunicacional*) de Bateson (e de seus colegas aos quais me referi anteriormente) permanece insuficientemente explorada, penso, nos meios universitários brasileiros. Sem dúvida, evoca-se o nome do pensador e alguns de seus conceitos-chave. Entretanto, fora uma antologia de textos sobre a comunicação, apenas um dos importantes livros de Gregory Bateson foi, até hoje, traduzido em língua portuguesa – e assim mesmo, em Portugal.

A situação teria sido semelhante na Europa inteira não fosse um acaso: um pesquisador belga, Yves Winkin, fez um doutorado na University of Pennsylvania, Annenberg School for Communication, focalizando precisamente a chamada Escola de Palo Alto e, praticamente, entrevistando, na época (1976-1979), todos os seus membros (Bateson, Birdwhistell, Goffman, Hall, Jackson, Schefflen Sigman, Watzlawick). Resultou disto um livro publicado na França em 1981, intitulado *La nouvelle communication*⁸ que, na Europa, tornou-se, desde então, um *best-seller*.

A Epistemologia batesoniana ou “O que todo aluno sabe”⁹

Cinco pontos focais (ou direcionamentos):

Bateson parte desta questão que todo aluno levanta: “Como podemos ‘conhecer’?”, “Como advém nosso conhecimento? Quais são os condicionantes da emergência do saber, de

⁸ Bateson, Birdwhistell, Goffman, Hall, Jackson, Schefflen, Sigman, Watzlawick. *La nouvelle communication. Textes recueillis et présentés* par Yves Winkin, Paris, Seuil, 1981 (com várias reedições desde então). O livro, na primeira parte, faz uma apresentação geral e histórica da eclosão da “Escola de Palo Alto”, descreve os seus componentes e faz um síntese de seus principais empreendimentos. Na segunda parte do livro, Yves Winkin oferece, para cada dos integrantes do “Colégio Invisível”, um texto particularmente significativo e representativo do pensamento de cada um dos autores, seguido de uma entrevista com os próprios.

⁹ “O que todo aluno sabe” é o título do segundo capítulo de *Mind and Nature. A Necessary Unity*, New York, Dulton, 1979, o último livro publicado por Bateson antes de sua morte (1980). Existe uma versão portuguesa: *A Natureza e o Espírito. Uma unidade necessária*, Lisboa, Quixote, 1987. Além das idéias desenvolvidas neste capítulo, que Bateson qualifica, não sem humor ou ponta de ironia, de “idéias muito elementares sobre a epistemologia”, remeto a um dos seus últimos artigos (de duas densas páginas), escrito e publicado em 1979: “The Science of Knowing”, in *The Esalen Catalog*, 17, n°2 (abril-junho), p. 6-7.

qualquer natureza seja: biológico, físico, lingüístico, matemático, pedagógico, antropológico, comunicacional...?”

A primeira resposta de Bateson é a seguinte: “No decorrer da minha existência – escreve – coloquei as descrições de tijolos e de jarras, de bolas de sinuca e de galáxias numa caixinha... e deixei-as repousar em paz. Numa outra caixa, coloquei coisas vivas: os caranguejos do mar, os homens, os problemas de beleza e as questões de diferença. É o conteúdo da segunda caixa... [que, a mim, interessa]”¹⁰. Bateson não pode ser mais claro: o universo é, para ele, um imenso organismo em constante ação e interação. O que nele interessa é o que *vive*. Sua Epistemologia não pode ser outra além de uma Epistemologia que se constrói a partir dos *seres vivos*.

Muitas vezes concebemos a Epistemologia como sendo um ramo da filosofia, algo de bem abstrato de que cuidam os filósofos, fora do campo da investigação empírica. Para Bateson, *nunca* poderemos pensar construir uma ciência do conhecimento *fora do campo da investigação empírica*. Com outras palavras, a Epistemologia batesoniana pertence à ordem do concreto, do palpável, do sensível e não pode se construir no campo da abstração, na esfera da razão pura, fora da concretude de uma realidade empírica.

A maneira através da qual adquirimos “conhecimentos ou informações” origina-se, *sempre*, acrescentará Bateson, da “*observação e da experimentação*” (ou da experiência). O ser humano somente pode adquirir conhecimentos através dos seus órgãos sensoriais ou através de seus próprios experimentos. De tal modo que não se pode falar de uma Epistemologia que não seja, por necessidade, vinculada e atrelada a um constante e prévio trabalho de observação.

O que vou dizer agora vai exigir toda a sua atenção, pois é aqui que Bateson mais nos surpreende e mais pode nos inspirar. Resumo, primeiro, seu pensamento; depois, darei alguns exemplos que retomarei do próprio Bateson. Eis o que ele diz: Nunca poderemos pretender conhecer as “coisas” deste mundo, isoladamente, em si, por si mesmas. Isto, aliás, seria sem importância e não apresentaria grande interesse, se é verdade que o universo no qual vivemos é este imenso organismo em constante ação e interação. A Epistemologia não é, assim, uma ciência de que devemos esperar “definições” isoladas e pontuais das coisas que povoam nosso universo e, sim, uma ciência capaz de nos revelar com profundidade o que essas

¹⁰ Id. *Mind and Nature. A Necessary Unity*. p.15.

mesmas coisas não de dizer delas mesmas em função das interações que entretêm umas com outras. Assim encarada, a Epistemologia deve ser, antes de mais nada, um “processo de aquisição e de estocagem da informação”, a partir do qual poderão se construir as “idéias” (e apenas “idéias”) que nós fazemos das coisas.

É tempo de exemplificar essas considerações. Bateson não procura entender o que é a “tromba” de um elefante ou o “nariz” de um ser humano. Não procura definir o que é um “homem”, o que é uma “mulher”. A Epistemologia de Bateson procura sempre entender como *se constróem* as “idéias que nós fazemos das coisas”: da “tromba” do elefante, do “nariz” humano; do “homem”, da “mulher”. A Epistemologia batesoniana procura responder à seguinte pergunta: como passamos (“processo”) de uma coisa *observada* (por exemplo, a “tromba” de um elefante, situada entre “dois olhos” e o “nariz” humano, também situado entre dois olhos) à *idéia* de “mamífero”; ou, ainda, como passamos da observação da morfologia genital do homem e da mulher à *idéia* de “sexualidade”; ou, ainda, por quê e como chegamos a relacionar “tromba/nariz” entre um par de “olhos”, com a posição de um “verbo” que, numa frase, fica inserido entre um “sujeito” e um “complemento”, geralmente necessários.

Eis a Epistemologia que reivindica Bateson. Ela deve ser – dirá ele – “indutiva e experimental e, como toda verdadeira ciência, dedutiva e, sobretudo, adutiva [...], isto é, deverá sempre “procurar colocar lado a lado fragmentos de fenômenos similares”¹¹.

Chegamos, deste modo, a um último determinante da Epistemologia batesoniana. Vou, num primeiro momento, enunciá-lo e, logo depois, apresentarei alguns exemplos para melhor explicitá-lo. Qual é este determinante?

A “observação e a experimentação” [a partir das quais a Epistemologia se torna possível; pode ser processada, construindo as idéias que nós fazemos da realidade, em interação contínua, que nos circunda]... são sempre constituídas, dirá Bateson, de “*informações de diferenças*”. O sapo é incapaz de ver uma mosca a não ser quando ela se movimenta. O olho humano, ele, é capaz de distinguir uma mosca imóvel e uma mosca em movimento. São essas

¹¹ Id. “The Science of Knowing”, p.7.

informações de uma diferença que tornam possíveis a eclosão de *idéias* e, como penso pessoalmente, os processos de suas *representações*, de suas *enunciações*, de suas *conceitualizações* e de suas (inevitáveis) *interpretações*.

Não poderíamos chegar à *idéia* de “mamífero” sem ter previamente observado a “tromba” do elefante e o “nariz” do ser humano, ambos situados entre um par de olhos, ambos nos proporcionando uma “informação de diferenças (no meio de um horizonte de potenciais semelhanças – acrescentaria). Não chegaríamos à *idéia* de “sexualidade” sem, previamente, ter observado a complementaridade morfológica dos sexos masculino e feminino, cada um deles nos proporcionando uma “informação de diferenças”. Ouso arriscar-me: não chegaríamos à *idéia* de “suportes imagéticos” sem ter, previamente, observado a natureza e a singularidade de cada um deles (pintura, fotografia, cinema, vídeo, infografia), cada um desses meios e suportes comunicacionais oferecendo-nos uma “informação de diferenças”.

O que vimos até agora?

1 Uma “epistemologia da comunicação” não pode se conceber corretamente sem que se tenha consciência da existência de outras epistemologias “locais”, com as quais se relaciona em graus variáveis.

2 Todas as chamadas epistemologias “locais” (inclusive a epistemologia da comunicação), fundamentam-se num trabalho prévio de *observação da realidade concreta e sensível*. Não chegarão a ser consistentes fora do *campo de uma investigação empírica*.

3 Esta observação empírica não tem como finalidade conhecer as coisas em si, uma tarefa tanto impossível como infrutífera. Deve, sim, permitir-nos estocar *informações de diferenças existentes entre essas realidades observadas*. Será a partir dessas informações de diferenças que se *construirão e nascerão* nossas *idéias*.

Duas outras paisagens em direção a uma epistemologia da comunicação.

Vocês terão notado que, na perspectiva de Bateson, a *comunicação* está no coração da elaboração de toda e de qualquer epistemologia. Uma ciência do saber, uma ciência do conhecimento apoia-se e somente pode se desenvolver com base numa *observação* e a partir de uma estocagem de *informações*. Gostaria, desta maneira, de esboçar – para terminar – duas paisagens heurísticas que nos permitiam avançar em direção a uma epistemologia da

comunicação: algumas perguntas em torno da “observação”, de um lado; algumas outras referentes “à estrutura que liga” (*the pattern which connects*) todas as criaturas vivas, de outro.

Da observação

Como antropólogo (pois vocês sabem que a observação é a base do ofício de todo antropólogo), continuo me questionando. Pergunto-me: O que *significa* observar? *O que* observar? *Como* observar?... Mas, também, será que uma imagem, por exemplo, não nos permite observar o que nosso olho não é capaz de perceber e por que razão? (Dar a ver imagens de Etienne-Jules Marey). Eis uma primeira série de questões aparentemente banais e, por esse motivo, muitas vezes relegadas ou simplesmente ignoradas. Uma epistemologia da comunicação deveria lhes dar, penso, uma prioridade.

Levanto algumas outras interrogações. Sabemos que não existiria observação possível sem a existência de nossos órgãos sensoriais (a visão sem dúvida, mas, também, a audição, o olfato, o paladar, o tato, o gestual, etc.). Eis um dado óbvio. Mas o que sabemos realmente desses canais fundadores da comunicação humana? Como cada um deles funciona? Como esses canais se relacionam e se inter-relacionam? Quais seriam as lógicas de funcionamento de nossos órgãos sensoriais, embutidas no nosso cérebro? Quais seriam as relações existentes entre as funções e *performances* cognitivas da própria visualidade (perceber, decidir, inferir, estimar, corrigir, memorizar)? Essas questões, evidentemente, pertencem diretamente ao campo da neurologia cerebral e das neurociências cognitivas. Mas será que, numa perspectiva batesoniana, não deveriam interessar aos comunicólogos. Será que o especialista da comunicação, o antropólogo, o biólogo, o matemático podem, de antemão, ignorar a complexidade e a importância dessas questões em nome da especificidade de “sua ciência”?

Tratando das “imagens” que são – é útil lembrá-lo – especificamente de natureza tão diversa (imagem fotográfica, cinematográfica, videográfica, infográfica...), será que não valeria a pena entender melhor *como*, a partir de simples sinais luminosos, constroem-se as imagens dentro do cérebro, ao passar pelo impressionante laboratório fotoquímico e pela rede ótica das células retinianas, que transformariam, segundo Changeux¹², esses sinais em “objetos mentais”, gênese de todo pensamento? Nesta linha de reflexão, assinalo ainda a pesquisa que

¹² Changeux, Jean-Pierre. *L’homme neuronal*, Paris, Fayard (Col. “Pluriel”), 1983.

desenvolve Murilo d’Almeida Machado em torno da existência e da natureza de um “pensamento sensorial”, um conceito que já desenvolvia, nos anos 30 do século XX, o cineasta russo Eisenstein (que conhecia os trabalhos do filósofo francês Lucien Lévy-Bruhl) e que, mais recentemente, foi retomado por Claude Lévi-Strauss (e Jack Goody) sob o vocábulo de “pensamento selvagem”? Será que todas essas questões seriam alheias à elaboração de uma epistemologia da comunicação ou de uma Epistemologia *tout-court*?

“A estrutura que liga” (the pattern which connects) os seres vivos.

Toda a obra batesoniana fica perpassada por uma determinação e uma busca: “Procuro a estrutura que liga os seres vivos”. Bateson dirá: “Qual a estrutura que liga o caranguejo do mar à lagosta e a orquídea à primula? E o que os liga, eles quatro, a mim? E o que me liga a vocês? E nós seis à ameiba, por uma lado, ao esquizofrênico que internamos, por outro lado? Poderíamos acrescentar: o que liga um professor universitário a uma pessoa esquizofrênica ou a um vampiro? E o que liga o cego e o cachorro que o guia? Qual a estrutura que “liga”, “coliga” o “espírito à natureza”, “o mundo dos “vivos” ao mundo dos “mortos”? O que “liga” – diria Bateson, agnóstico por ser profundamente religioso – os homens aos anjos? E por que esses últimos, até, têm receio de se aproximar de Deus?

Eis uma extraordinária visão da natureza da comunicação entre os seres vivos; uma profunda interrogação, também, na perspectiva de elaboração de uma antropologia da comunicação mas, sobretudo, de uma epistemologia da comunicação. Vou terminar, apresentando duas pequenas outras considerações.

Qual a estrutura que liga a escrita à palavra, a palavra à imagem, à imagem à escrita? E o que as liga, as três, a mim? E o que me liga (e as liga) a vocês? E como, nós cinco, estamos conectados às últimas tecnologias comunicacionais? É nesta perspectiva relacional existente entre os meios de comunicação (perspectiva que não abjura ou, melhor dizendo, nunca deverá abjurar a questão das singularidades próprias de cada desses suportes) que chegaremos a relativizar as “virtudes” da escrita com relação ao mundo das imagens e que não cairemos, também, na tentação de pensar, hoje, que a informática e as suas primeiras minúsculas descobertas tecnológicas serão o futuro de uma epistemologia da comunicação. Participarão dela? Sem dúvida alguma. Mas pensar poder desvincular essa recente maquinaria informática das ferramentas comunicacionais que a antecederam seria tão absurdo como falar de uma “comunicação verbal” distinta de uma “comunicação não

verbal”.

Gregory Bateson, vejamos, propõe-nos e procura despertar dentro de nós um novo “estado do olhar” sobre uma leitura comunicacional do mundo social (dos seres vivos). Uma comunicação encarada não mais e apenas como ato individual, e sim como um fato cultural, uma *instituição* e um *sistema social*. Uma comunicação refletida não mais e apenas como uma telegrafia relacional, mas, sim como uma orquestração ritual, eminentemente sensível e sensual. Pessoalmente, penso, que neste universo humano, vivemos não apenas no meio de postes, de quilômetros de fios elétricos, no tear de uma multidão de fibras óticas ou nos interstícios de uma legião de satélites. Vivemos, sim, nos *balcões* dessa complexa teia comunicacional ou, melhor dizendo, nos *palcos* dessa rede planetária e somos sempre –de maneira solidária, institucional e orquestral – os atores necessários de nossas apresentações e de nossas representações, sem as quais não existiriam sociedades e muito menos dinâmicas sociais.

Sabemos, talvez, “o que tudo aluno sabe”...

Bibliografia de suporte:

BATESON, Gregory e Ruesch, Jurgen. **Communication. The Social Matrix of Psychiatry**, New York, W.W. Norton & Company, 1951 (com reedições em 1968, e 1987). Versão francesa: *Communication et Société*, Paris, Seuil, 1988.

BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**, São Francisco, Chandler, 1972. Versão francesa: *Vers un écologie de l' esprit*, Paris, Seuil, Tomo 1: 1977; Tomo 2: 1980.

BATESON, Gregory. **Mind and Nature. A necessary Unity**, New York, Dulton: Versão portuguesa: *A natureza e o espírito. Uma unidade necessária*, Lisboa, Quixote, 1987. Versão francesa: *La nature et la pensée*, Paris, Seuil, 1984.

BATESON, Gregory. **Sacred Unity. Further Steps to na Ecology of Mind**. Donaldson, Rodney E (org.), New York, Harper Collins, 1991. Versão francesa: *Une unité sacrée. Quelques pas de plus vers une écologie de l' esprit*, Paris, Seuil, 1996.

BATESON, Gregory e Bateson Mary Catherine. **Angels Fear. Toward na Epistemology of the Sacred**, New York, Macmillan Publishing Company, 1987. Versão francesa: *La peur des anges*, Paris, Seuil, 1989.

Além dessas obras, convém acrescentar:

BATESON, Mary Catherine. **With a Daughter's Eye**, New York, William Morrow and Company, 1984. Versão francesa: *Regard sur mes parents. Une évocation de Margaret Mead et de Gregory Bateson*, Paris, Seuil, 1989.

(Coletivo) **Bateson: Premier État d'un Héritage. Colloque de Cerisy sous la direction d'Yves Winkin**. Paris, Seuil, 1988.

LIPSET, David. **Gregory Bateson. The Legacy of a Scientist**. Boston, Beacon Press, 1982.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo**. Campinas, Papyrus Editora, 1998.